

## As cores e (dis)sabores do lugar: um ensaio sobre a feira livre de Valença-BA

Rosângela Patrícia de Sousa Moreira<sup>1</sup>, Danilo Santos de Sousa<sup>2</sup>

1. Professora de Geografia e Mestre em Educação - IFBA/Campus Valença; \*[geo.pmoreira@gmail.com](mailto:geo.pmoreira@gmail.com)

2. Estudante do Ensino Médio Integrado em Informática – IFBA/Campus Valença.

Palavras Chave: *Feira Livre, Pertencimento, Lugar.*

### Introdução

Os espaços que constituem as feiras livres em qualquer cidade, representam em seu conjunto, um mosaico de cores, cheiros, movimento, sons, sabores e também o seu oposto. As feiras constituem a essência da relação mais antiga entre o campo e a cidade através da troca de mercadorias, mas também representam um lugar de aprendizado e cultura, pois ali estão presentes feirantes e transeuntes que comungam de seus saberes. Neste ensaio tomamos a feira livre de Valença como centro de nossas observações. A feira tem uma rotina semanal, mas com maior frequência às quartas e sexta-feira, com destaque para sua oferta de frutas e verduras, muitas provenientes da agricultura familiar da cidade e região. Contudo, percebe-se que a frequência de fregueses na feira livre valenciana tem decrescido ao passar dos anos, e nos propomos a conhecer melhor os possíveis motivos para este fenômeno, buscando compreender a dinâmica e os aspectos da feira como um lugar de relações sociais, a partir da topofilia ou topofobia da sociedade.

### Resultados e Discussão

Originada do latim, a palavra feira significa “dia santo ou feriado”, ao passo que o termo designado para aquele que compra na feira, o freguês, também vem do latim, e significa “filho da igreja”. Acredita-se que tais denominações surgiram porque as pessoas aproveitavam os festejos religiosos para trocarem seus produtos, fato que deixou de ser determinante para existência das feiras. Estima-se que as feiras façam parte da cultura humana há séculos, mas a partir do capitalismo, tenha se afirmado, sobretudo, pela força da moeda de troca e a valorização ou quantificação de valor, conforme a lei de oferta e procura de produtos comercializados. Sem uma data específica do seu surgimento, encontramos na feira livre de Valença feirantes com mais de trinta anos de atividade, cheios de orgulho por se definirem assim profissionalmente. Há cerca de dez anos, a feira estava localizada em outro ponto da Avenida Marita Almeida, onde hoje funciona a comercialização de confecção. Hoje, localizada às margens do Rio Una e mais próxima a Companhia Valença Têxtil, a feira livre de Valença apresenta áreas que se distribuem em comercialização de farinha, peixes salgados, restaurantes, frutas e verduras. Alguns pontos de venda apresentam balcões para arrumação de produtos, mas em outros pontos, sobretudo, os de frutas e verduras, muitos produtos são expostos em lonas ao chão, ou em balaios e bancadas construídas pelos próprios feirantes, para valorização de seu comércio e demarcando o seu lugar. Corroborando com SANTOS (2008, p.81), sobre o aspecto que “o espaço sempre foi o lócus da produção”, percebemos na feira livre espaços individualizados pelo capricho de alguns feirantes, que ao perceberem a necessidade, buscaram um diferencial para expor seus produtos, proporcionando maiores possibilidades de comercialização. Situação semelhante acontece com o setor de restaurantes, onde cada

proprietário buscou organizar seu estabelecimento, oferecendo opções diferenciadas para receber e garantir o consumo por parte de seus fregueses, mesmo estando todos dotados das mesmas condições estruturais para o funcionamento. Mas a feira livre não se resume na atividade de compra e venda. Muitos ali aproveitam os dias de maior movimentação para encontrar amigos, conversar sobre política, atualidades, assuntos relacionados às questões da cidade, trocar receitas com outro feirante ou freguês. Na contramão do que já foi exposto, a feira livre de Valença também apresenta um leque de questões, como a falta de higiene e desorganização do espaço, que foram apresentadas como fatores desagradáveis, tanto para os feirantes, frequentadores e, sobretudo, como justificativas para aqueles que não a frequentam. Segundo TUAN (1993), o mesmo lugar pode reportar sentimentos distintos às pessoas. Isto porque cada um precisa experimentar e vivenciar o lugar para construir suas próprias experiências. O que segundo MOREIRA (2015), está presente na subjetividade, sentimentos e significados que conferimos aos lugares. Para nós, um destes lugares, é a feira livre de Valença, que se mostra um híbrido, aos olhos daqueles feirantes, fregueses e até mesmo, para os não frequentadores.

### Conclusões

Ao longo de nossa investigativa, através das entrevistas aos principais agentes que representam a raiz da existência da feira livre de Valença, percebemos que a mesma representa um misto de sentimentos e significados. Há na feira um sentimento de pertencimento e valorização da atividade enquanto feirantes, pois aquele lugar representa o sentido de vida e ser ativo na sociedade capitalista. Por outro, situações problemáticas apontadas pelos próprios feirantes, por fregueses e, sobretudo, por alguns entrevistados próximos ao local da feira, impulsionam o sentimento de dissabor ao lugar. Dentre eles, problemas como a limpeza e falta de organização do espaço funcional da feira livre de Valença, se apresentam como principais motivos de repulsa e diminuição na sua frequência.

### Referências

BOECHAT, Patrícia Tereza Vaz. SANTOS, Jaqueline Lima dos. Feira livre: dinâmicas espaciais e relações indenitárias. In: Anais do VIII Encontro Baiano de Geografia/X Semana de Geografia da UESB, Vitória da Conquista, 2011.  
MOREIRA, S, P, R. O Lugar da Pesquisa e a Educação Geográfica: relatos dos alunos do ensino médio – IFBA campus Valença, Valença: UNEB, 2015. 125 p.  
SANTOS, Milton. Metamorfose do Espaço Habitado. São Paulo: Hucitec, 1988.  
TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.